



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA/DLI
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

RIVAN MENEZES GAMA

**POLÊMICA ACERCA DA HQ DA DC COMICS: UMA ANÁLISE
ARGUMENTATIVA DA CONSTRUÇÃO DO ETHOS NO INSTAGRAM**

ITABAIANA-SE

2022

RIVAN MENEZES GAMA

**POLÊMICA ACERCA DA HQ DA DC COMICS: UMA ANÁLISE
ARGUMENTATIVA DA CONSTRUÇÃO DO ETHOS NO INSTAGRAM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras (DLI) da Universidade Federal de Sergipe, *Campus*. Prof. Alberto Carvalho, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Letras Português.

Orientadora: Profa. Marcia Regina Pereira Curado Mariano

ITABAIANA- SE
2022

RIVAN MENEZES GAMA

**POLÊMICA ACERCA DA HQ DA DC COMICS: UMA ANÁLISE
ARGUMENTATIVA DA CONSTRUÇÃO DO ETHOS NO INSTAGRAM**

Aprovado em:

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras (DLI) da Universidade Federal de Sergipe, *Campus*. Prof. Alberto Carvalho, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Letras Português.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Marcia Regina Curado Pereira Mariano - UFS
Universidade Federal de Sergipe
Orientadora - presidente

Prof. Dr. Flávio Passos Santana (membro)

AGRADECIMENTOS

Os obstáculos durante esses cinco anos de graduação surgiram a todo momento. Chegar até aqui foi um processo doloroso de pequenas vitórias que apenas pude vencê-las com muita persistência e determinação. Conhecer novas pessoas, trocar experiências, compartilhar momentos felizes/tristes fazem parte da nossa natureza enquanto humanos. Por isso, jamais poderia deixar de agradecer àqueles que estiveram comigo ao longo da minha caminhada.

Inicialmente, agradeço à minha família, em especial à minha mãe, Anailsa, que nunca mediu esforços para que eu e meus irmãos pudéssemos estudar, mesmo em tantos momentos difíceis enfrentados durante a sua vida. Ao meu pai, José da Gama, pelos sacrifícios que ele fez durante todos esses dias para que eu pudesse ir à UFS. Aos meus irmãos mais velhos, Renan, Adjan, Aline e Alessandra, por todo suporte e conselhos dados desde a infância. Aos meus sobrinhos Guilherme, Ísis e Sophia, pelos momentos de felicidade genuína. Aos meus primos Míria e Leonardo, por sempre me aceitarem e apoiarem. Um agradecimento especial ao meu companheiro de vida, Éverton, pelos deslumbrantes anos de convivência e por acreditar que eu conseguiria chegar até aqui. Obrigado por me reerguer em todos os momentos de desespero e por não soltar a minha mão diante das cirurgias que precisei realizar. Às minhas avós, Jovelice e Jardelina (*in memoriam*), que sempre foram grandes exemplos de caráter e humildade para mim.

À Márcia Mariano, que além de ser uma excelente professora, orientadora, é um ser humano maravilhoso. Sou absolutamente grato por todo aprendizado compartilhado, por toda dedicação, compreensão e paciência, desde a Iniciação Científica até a minha etapa final na graduação. Agradecimentos profundos à Laís Vasco, pela parceria e irmandade durante a trajetória na UFS. Nossa conexão foi imediata e resultou em uma amizade que perdurou durante o curso e irá durar para sempre.

Externo minha imensa gratidão aos meus melhores amigos, Lays Lana, André, Valéria, Igor, e André Louis, por serem tão especiais, acolhedores e prestativos. Obrigado pelos calorosos momentos, jantares e conversas reflexivas. À Karine, por ser tão iluminada e me socorrer no meio da noite com os trabalhos acadêmicos e os melhores conselhos. Aos amigos queridos, Marcos, Jeverton, Patrícia, Raulina, Yasmim, Júlia, Mateus, por fazerem tanto por mim. Às amigas de infância, Karol, Cristina, Joice, Thainá e Greice que sempre estiveram comigo. Por fim, meu agradecimento a todos que não tiveram o nome referenciado, mas que me ajudaram de forma direta ou indiretamente no meu percurso acadêmico.

Somos todos camaleões literários e acho fascinante. É apenas uma continuação da ideia de que somos muitas coisas, o tempo todo. E eu sei que pode ser realmente esmagador descobrir quem ser e quando ser. Quem você é agora e como agir para chegar onde deseja. Tenho uma boa notícia: depende totalmente de você. Também tenho uma notícia aterrorizante: depende totalmente de você.

TAYLOR SWIFT

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, surgiu a partir do Projeto Institucional de Iniciação Científica (PIBIC), com o plano de trabalho “Análise da construção de imagens discursivas das minorias sociais em mídias sociais da Internet”, no qual analisamos a imagem discursiva da figura da travesti construída pelo cantor Nego do Borel em um vídeo musical divulgado nas mídias sociais, como também questões sobre representatividade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais e outras categorias) atreladas a conceitos como estereotipagem e lugar de fala. Em continuidade a essas reflexões, neste projeto de TCC, analisamos a polêmica pública iniciada pelos ex-jogadores da Seleção Brasileira de Voleibol (CBV), acerca da revista em quadrinhos da DC comics que traz pela primeira vez na história um Super-homem bissexual. Nosso objetivo foi observar quais os *ethos* que emergem das postagens dos jogadores em seus *perfis* pessoais no *Instagram*, assim como as paixões do auditório provocadas pelos discursos dos atletas. Como aporte teórico, para a origem da Retórica e seus conceitos como *ethos*, *phatos* e *logos*, no apoiamos em Ferreira (2010), Reboul (2004) e Mosca (2001); já sobre o *ethos* prévio utilizamos Amossy (2013) e Maingueneau (2013); sobre as paixões do auditório nos guiamos através de Aristóteles (2000) e Figueiredo (2018); e para entendermos mais profundamente o conceito de polêmica e questões de dissenso, utilizaremos a Amossy (2017). A partir de nossa análise, observamos que diferentes imagens discursivas foram reveladas, em destaque para os *ethos* homofóbicos e conservadores que ganharam forma dentro dessa atmosfera polêmica e que também intensificam o discurso de ódio contra a imagem da comunidade LGBTQIA+.

Palavras-chave: polêmica pública; retórica e argumentação; *ethos*; LGBTQIA+; HQ da DC comics.

RESUMEN

Este Trabajo de Conclusión de Curso, TCC, surgió a partir Proyecto Institucional de Iniciación Científica (PIBIC), con el plan de trabajo “Análise da construção de imagens discursivas das minorias sociais em mídias sociais da Internet”, en el que analizamos la imagen discursiva de la figura travestí construida por el cantante Nego do Borel en un video musical difundido en las redes sociales, así como preguntas sobre la representación LGBTQIA+ (lesbianas, gays, bisexuales, transgénero, queers, intersexuales, asexuales y otras categorías) vinculadas a conceptos como el estereotipo y lugar del discurso. Continuando con estas reflexiones, en este proyecto de TCC, analizamos la polémica pública iniciada por ex jugadores de la Selección Brasileña de Voleibol (CBV), sobre los cómics de DC que trae un Superman bisexual por primera vez en la historia. Nuestro objetivo fue observar el *ethos* que emergen de las publicaciones de los jugadores en sus *perfiles* personales en *Instagram*, así como las pasiones de la audiencia provocadas por los discursos de los atletas. Como aporte teórico al origen de la Retórica y sus conceptos como *ethos*, *phatos* y *logos*, nos apoyamos en Ferreira (2011), Reboul (2004) y Mosca (2001); ya sobre el *ethos* previo utilizamos Amossy (2013) y Maingueneau (2013); sobre las pasiones de la audiencia, nos guiamos por Aristóteles (2000) y Figueiredo (2018); y para entender más profundamente el concepto de polémica y cuestiones de disenso, utilizaremos la Amossy (2017). A partir de nuestro análisis, observamos que diferentes imágenes discursivas fueron reveladas, destacando los *ethos* homofóbicos y conservadores que han tomado forma dentro de esta atmósfera polémica y que también intensifican el discurso de odio contra la imagen de la comunidad LGBTQIA+.

Palabras Clave: polémica pública; retórica y argumentación; *ethos*; LGBTQIA+; HQ da DC comics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Maurício Souza comenta sobre o filho de Clark Kent ser bissexual na HQ.....	36
Figura 2: Douglas Souza comenta sobre beijo gay na HQ do filho do Superman.....	37
Figura 3: Dualidade certo x errado segundo Maurício Souza	39
Figura 4: Maurício Souza diz sofrer censura na internet	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1 A RETÓRICA E SUA ORIGEM.....	13
1.1.2 AS NOVAS RETÓRICAS (NEORRETÓRICAS).....	16
1.1.3 CONCEITOS RETÓRICOS: ETHOS, PATHOS E LOGOS	18
1.2 O <i>ETHOS</i> EM FOCO	21
1.3 PAIXÕES DO AUDITÓRIO	24
1.4 A POLÊMICA.....	27
1.4.1 A POLÊMICA PÚBLICA: QUESTÕES SOBRE O DISSENSO	27
1.4.2 QUESTÕES DE DEFINIÇÃO	29
2.0 ASPECTOS METODOLÓGICOS	33
3.0 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> : BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO	35
3.1 ANÁLISE DOS <i>ETHOS</i> DOS JOGADORES	36
3.2 ANÁLISE DAS PAIXÕES	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que a polêmica ocupa um lugar de prestígio no espaço político e midiático da sociedade. Nos últimos dez anos, com o avanço das redes sociais, esse fenômeno, apesar de possuir uma má reputação aos olhos de muitos, tem se difundido de maneira preponderante, dado que é responsável por orquestrar o confronto de opiniões sobre uma multiplicidade de assuntos ditos de interesse público. Nesse contexto digital, faz-se necessário observar atentamente como a imagem discursiva de determinados grupos minoritários é atacada/defendida, assim como, os diferentes *ethos* revelados pelos oradores e pelos seus auditórios ao interagirem dentro dessa atmosfera polêmica.

Um desses grupos sociais que está sempre no centro de acontecimentos polêmicos é o movimento LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais e outras categorias), o qual, nos últimos anos, mostrou-se mais visível e integrado socialmente, inclusive nas mídias. Em vista disso, destacam-se as redes sociais como uma das ferramentas importantes na formação de ambientes de debates, assim como também no aumento da visibilidade e representatividade desse grupo. No entanto, por apresentarem um caráter democrático, tais espaços acabam por abrir margem para o discurso polêmico, devido à possibilidade de criação de variados perfis, que podem apresentar diferentes visões de mundo, opiniões e valores. Dessa forma, as redes sociais revelam-se um dos espaços privilegiados do universo da *doxa*, ou seja, propício para a controvérsia e o embate de opiniões.

Posto isto, uma das polêmicas mais recentes que envolveu a comunidade LGBTQIA+ no âmbito midiático, deu-se com relação à publicação de uma HQ (história em quadrinhos) que apresenta pela primeira vez na história um Super-Homem assumidamente bissexual. Intitulada *Superman: Son of Kal-el* (Super-homem: filho de Kal-el), a edição, lançada em 26 de novembro de 2021 pela DC Comics, uma das companhias mais famosas no mundo¹ pelo seu trabalho especializado em histórias em quadrinhos, anuncia ao mundo Jonathan Kent, adolescente de 17 anos que assume o posto de herói herdado do pai (Clark Kent) e passa a viver um relacionamento amoroso com o ativista e *hacker* Jay Nakamura. Entretanto, mesmo sem data para a HQ ser lançada em solo brasileiro, a bissexualidade do personagem chegou a ser alvo de polêmica aqui no país, como a demissão do jogador da Seleção Brasileira de Vôlei (CBV)

¹ Disponível em: https://www.purebreak.com.br/empresa/dc-comics_e540257. Acesso em: 14 de junho de 2020.

Maurício Souza – antes jogador pelo Minas Tênis Clube (MTC) –, após destilar comentários bi e homofóbicos no seu perfil do *Instagram* sobre a novidade envolvendo o super-herói.

A postagem de Maurício obteve reação imediata de muitas pessoas nas redes sociais, inclusive do ponteiro Douglas Souza, companheiro de Seleção. Douglas, sendo assumidamente homossexual e apoiador da causa, não manifestou sua opinião diretamente a Souza, mas deixou claro que se tratava de um “recado”. Bastou isso para que todo um ambiente polêmico ganhasse forma e tornasse um assunto de interesse público, já que ambos os lados passaram a interagir com reações positivas/negativas ao discurso dos jogadores naquela rede social.

Nesse sentido, é preciso *lembrar* que a polêmica precisa abordar um assunto de interesse público para que não seja apenas uma simples discussão ou uma disputa entre particulares. A respeito disso, Plantin (2003, p. 387 *apud* Amossy, 2017, p. 46) comenta:

A polêmica pode, evidentemente, se desenvolver sobre a base de um assunto inicialmente privado, um conflito de locação, por exemplo, mas é necessário que esse conflito assuma contorno público pondo em causa grandes princípios e os grupos de defensores ligados a eles (identificados a esses princípios).

Assim, é a presença desse caráter polêmico dos discursos que envolvem questões de identidade de gênero, sexualidade, posicionamentos políticos e religião que aparecem no nosso *corpus* e que se inserem no foco de interesse dos estudos da (neo) Retórica e da argumentação, os quais nos permitem analisar as estratégias mobilizadas em defesa de diferentes pontos de vista.

Então, incorporado a esses estudos, teremos como objetivo analisar os *ethos* dos jogadores de vôlei Douglas Souza e Maurício Souza, assim como seus posicionamentos e argumentos referentes às publicações sobre a HQ, realizadas em seus perfis no *Instagram*. Além disso, observaremos questões pelas quais a revista causou polêmica nas redes, tendo em vista as estratégias argumentativas utilizadas pelo auditório (paixões do auditório) ao comentarem nos *posts* desses jogadores.

Para darmos conta da análise desses discursos e das imagens discursivas que emergem nesse âmbito polêmico, abordaremos os conceitos de *ethos* e de paixões do auditório. Segundo Ferreira (2010), O *ethos* é a imagem que o orador constrói de si e dos outros no interior do seu discurso a partir da imagem que ele faz também de seu auditório (*phatos*). Desse modo, quando o orador emite um discurso LGBTfóbico, pressupomos que ele imagine (ou saiba) que o seu

auditório compactue com o que lhes foi dito. Por outro lado, o mesmo acontece com um orador que defende e apoia a luta dessa minoria social.

É importante lembrar que os estudos da Retórica e da Argumentação têm como base o ethos aristotélico, que está ligado à ética e ao caráter pessoal do orador, ou seja, define-se “como a imagem que este constrói de si no discurso”[...] e não pelo que as pessoas pensam de seu caráter antes que ele inicie o discurso. ” (ARISTÓTELES *apud* FERREIRA, 2010, p. 45). Contudo, com as mudanças ao longo do tempo, principalmente nos meios em que os discursos circulam, essa abordagem acaba sendo insuficiente em algumas situações, principalmente quando se trata de alegações feitas no ambiente das redes sociais, no qual enquadra-se nosso *corpus*.

Temos, então, a necessidade de considerar o ethos prévio, abordagem desenvolvida por Ruth Amossy (2016), que, por ser prévio, possui uma visão estereotipada desse ethos discursivo. Assim, antecedentes morais e éticos formariam a imagem antecipada pelo auditório. Na mesma linha de pensamento, Maingueneau (2016) fala sobre ethos pré-discursivo, mas chama a atenção para o fato de que este é menos importante do que o ethos discursivo, pois pode ser confirmado ou não no discurso por aquilo que é mostrado.

Como também analisaremos as impressões deixadas pelo público nas postagens dos jogadores, abordaremos o conceito de paixões do auditório (pathos). Segundo Meyer (2000), o orador deve levar em conta as paixões de seu auditório e os valores que compartilham, pois é por meio deles que se pode presumir as perguntas e respostas possíveis.

Em vista das considerações iniciais, passamos ao desenvolvimento do nosso trabalho, o qual refletirá, inicialmente, sobre a origem da retórica e suas definições, a partir de Ferreira (2010), Reboul (2004) e Mosca (2001); o triângulo retórico, com foco maior no ethos e no ethos prévio, a partir de Amossy (2013) e Maingueneau (2013); as paixões do auditório, a partir de Aristóteles (2000) e Figueiredo (2018). Para adentrarmos mais profundamente no conceito de polêmica e questões de dissenso, passaremos a Amossy (2017). Finalmente, apresentamos respectivamente a metodologia, a análise e nossas considerações finais, na expectativa de que esse nosso trabalho colabore na compreensão mais ampla dos discursos presentes nos ambientes digitais, assim como nas reflexões sobre questões sociais e políticas atuais.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos considerações a respeito da origem da retórica. Em seguida, explicitamos os conceitos de *ethos*, *phatos* e *logos* com ênfase maior nos estudos contemporâneos sobre o *ethos*. Depois, expomos definições sobre as paixões do auditório e a tipologia apresentada por Aristóteles.

1.1 A RETÓRICA E SUA ORIGEM

A retórica surge em Siracusa, na Magna Grécia, no século V. a.C, tendo sua origem associada ao discurso judiciário e não à literatura, visto que “Depois da queda do general ateniense Trasíbulo (455 a. C. – 388 a. C.), surgiam diversas causas que solicitavam a restituição de terras subtraídas [...] aos legítimos proprietários” (FERREIRA, 2010, p. 40). Dessa forma, iniciou-se uma oratória voltada totalmente ao Direito e aos aspectos judiciais do discurso retórico. Na época, não existiam advogados, então se fazia necessário dar a cada uma das partes envolvidas no processo um meio para defender a sua causa. Assim, é com Córax e um dos seus discípulos que surge o primeiro Tratado da Retórica, no ano 465 a.C., que se resumia a uma coletânea de preceitos práticos para uso dos cidadãos que recorressem à justiça.

De acordo com Ferreira (2010), esse Tratado da Retórica escrito por Córax procurava apresentar uma “oratória caracteristicamente probatória, que buscava provas (*pisteis*), assumia o aspecto técnico de uma arte com preceitos assentados cientificamente e tinha por objetivo demonstrar a verossimilhança de uma tese proposta.” (p. 41). Com isso, surge a primeira definição de retórica: “criadora de persuasão” – adotada em Atenas, que possuía estreitos laços e até processos com a Sicília. Córax também fica conhecido como o inventor do “argumento de Crax”, que recebe seu nome e se torna popular por ajudar os defensores das piores causas.

Seguidamente, por volta de 485 a.C. surge uma nova fonte de retórica: estética e literária. Górgias, um siciliano que chega a Atenas em 427, é responsável por espalhar a “arte do falar” em várias regiões da Grécia, já que acaba por promover um estudo da linguagem voltada para si mesma, ficando famoso com seus discursos elegantes e belos. Segundo Ferreira (2010), Górgias também é o responsável por fazer “desaparecer o critério de verdade como uma

realidade irrefutável” (p. 42), entender a forma persuasiva da emoção, aproximar a poesia da retórica, além de ressaltar o discurso epidítico ao colocá-lo ao lado do político e judiciário.

Górgias, então, se torna muito influente e acaba por atrair muitos discípulos, como é o caso de Prótagoras, Pródicos e Hípias – denominados de sofistas. Os sofistas possuíam vocação pedagógica, pois assumiram um viés educativo, na medida em que questionavam a tradição, as reflexões centradas no homem e promoviam o desenvolvimento da eloquência. Assim, “o discurso, então, passou, gradativamente, a se apresentar como sedutor e belo.” No entanto, “como eram voltados para vida prática, ensinavam os discípulos a bem argumentar e persuadir em qualquer situação, para aparentar ter razão em qualquer circunstância.” (FERREIRA, 2010, p. 42).

Essa pretensão de discorrer “livremente” sobre qualquer assunto acaba por não agradar muitos cidadãos gregos, como é o caso de Aristóteles, Platão e Isócrates, que reprovam as intenções de Górgias e Protágoras pela superficialidade frágil e pelo desprezo à verdade em seus discursos. No entanto, segundo Reboul (2004), os sofistas deixam marcas positivas, uma vez que são responsáveis por criar uma retórica como arte do discurso persuasivo, que é objeto de um ensino global e que se fundamentava em uma visão de mundo. Além disso, é aos sofistas que a retórica deve os primeiros esboços de gramática, além da disposição do discurso, devendo também a ideia de que existe sempre um acordo entre interlocutores – um acordo inicial, já que sem isso a discussão não poderia ser iniciada, e um acordo final, que resulta na discussão. Assim, os sofistas são responsáveis por difundir uma retórica riquíssima e com diversos elementos, “que serão encontrados depois, especialmente em Aristóteles.” (REBOUL, 2004, p. 9).

Entretanto, apesar dos sofistas difundirem uma retórica que atendesse a diversas dificuldades dos gregos, como questões judiciais, literárias, filosóficas e de ensino, é com Isócrates (436-338 a.C.) que a retórica passa a apresentar um tom mais moralista e plausível. Por ser um professor de grande admiração, mostra que o ensino não é todo-poderoso, o que se opõe à ideia dos sofistas. De acordo com Reboul (2004), “[...] para ser orador são necessárias três condições. Para começar, aptidões naturais. Depois, prática constante. Finalmente, ensino sistemático. Prática e ensino podem melhorar o orador, mas não criá-lo.” (p. 11). Assim, apesar de Isócrates “libertar” a retórica do domínio sofista, o problema está no fato de se realmente essa liberdade ocorreu ou se ele apenas deixou as coisas como estavam. É exatamente essa questão que lhe rende críticas de Platão.

Tempos depois, Aristóteles (384-322 a.C.) vai pensar em uma retórica que, inicialmente, irá se integrar a um sistema filosófico bem diferente daquele dos sofistas, e, depois, transformar-se em sistema. O seu discurso vai possuir uma argumentação rigorosa. E sendo mais rigorosa, dá uma ideia mais profunda e sólida da retórica. A respeito disso, Ferreira (2010) coloca que:

Com a Arte da retórica – um estudo que inovou e sintetizou as visões dos estudos retóricos de seu tempo –, forneceu-nos um verdadeiro guia sobre como criar um texto persuasivo e trouxe ensinamentos, muitos válidos até hoje, sobre elementos de gramática, de Filosofia, de Filosofia da Linguagem, Lógica e Estilística. (FERREIRA, 2010, p. 44).

Em conclusão, a retórica criada por Aristóteles começa por não apresentar o poder de dominar, mas sim o poder de defender-se, tornando-a legítima. Desse modo, enquanto a defesa de Górgias e Isócrates consistia em fazer da retórica um instrumento neutro, valendo-se apenas pelo uso, Aristóteles, ainda que de forma relativa, confere-lhe um valor positivo.

Aristóteles *apud* Reboul (2014) lança quatro argumentos, em que objetiva, a partir deles, estabelecer um valor com finalidade de provar sua tese inicial: “A retórica é útil” (*Khrésimos*). Desse modo, é cabível que se espere dela aquilo que se espera de todas as técnicas, ou seja, um serviço; e isso será mostrado através desses quatro argumentos.

Segundo Reboul (2014, p. 25), o primeiro argumento parece responder a uma objeção implícita, uma vez que levanta a seguinte questão: “não é possível contentar-se com expor simplesmente o belo e o justo, sem recorrer a artifícios oratórios?”. Aristóteles, então, diz que “sim”, pois o verdadeiro e o justo são por natureza (*physei*) mais fortes que seus contrários. O segundo argumento se configura pela experiência, pelo exemplo; muitos vereditos em tribunais são injustos; e como isso se justifica? Muitos litigantes acabam por não saber fazer os seus direitos, e por isso, não conseguem “tornar mais forte o argumento que era mais fraco”, de fazer o injusto prevalecer sobre o justo.

Há o terceiro argumento – este, afirma que devemos ser capazes de defender tão bem o “contra” quanto o “pró”, claro que não para torná-los equivalentes como faziam os sofistas, mas sim para compreender o mecanismo da argumentação. Já o último argumento (quarto), liga novamente a retórica à condição humana, ou seja, será muito mais fácil vencer pela palavra do que pela força física. (REBOUL, 2004, p. 25).

É importante colocar que esses argumentos não valem apenas para o discurso judiciário, mas também para todos os outros tipos de discursos públicos. Na área do direito, da política, da

vida internacional, “vivemos sempre uma situação polêmica, em que as armas mais eficazes são as da palavra, visto que só ela – e não a força física – define o justo e o injusto, o útil e o nocivo, o nobre e o desprezível” (REBOUL, 2004, p. 25). Desta forma, a retórica, a arte ou técnica da palavra, é indispensável; e é isso que a torna legítima.

Portanto, a Retórica é o berço que fundamentou e serviu de alicerce para os Estudos do Discurso e da Argumentação na atualidade, ou seja, os conceitos retóricos criados e apresentados na antiguidade, foram retomados na contemporaneidade e evoluíram para a chamada “Neorretórica”; esta que suscita uma série de novas concepções/abordagens e consegue dar conta do *corpus* proposto neste trabalho. Na seção seguinte, apresentaremos um breve panorama sobre os a Neorretórica.

1.1.2 AS NOVAS RETÓRICAS (NEORRETÓRICAS)

Mesmo com a retórica abrangendo muitos desses campos (político, filosófico, jurídico, etc.) e sendo muito importante para a arte do falar, com o passar do tempo ela acabou em estado de declínio, mas não chegou a ser extinta; foi limitada a discursos mais leves e à poesia. Alguns movimentos tentaram ressuscitá-la, mas foi só no século XX que ela ganhou prestígio novamente. Surgiu assim uma retórica contemporânea, que veio com o intuito de “ensinar e produzir textos, mas, sobretudo, objetiva oferecer caminhos para interpretar os discursos” (FERREIRA, 2010, p. 46).

É importante lembrar que a Neorretórica surge retomando os aspectos da velha retórica, e ao mesmo tempo renovando-a, já que passou também a valer-se de algumas vertentes trazidas por disciplinas que se constituíam naquele século (XX). Sem contar que devido às ideias de Aristóteles, usadas como alicerce durante muitos anos, era impossível falar na morte da disciplina.

Sobre a importância das concepções aristotélicas, Mosca (2001) comenta:

De qualquer forma, ao mostrar a ligação da retórica com a persuasão, desvinculando-a da noção de verdade, Aristóteles estabeleceu as bases dessa disciplina e que iriam persistir em seus desdobramentos modernos. A sua concepção de discurso convincente, como sendo aquele que consegue fazer o público sentir-se identificado com o seu produtor e a sua resposta, é aproximadamente a mesma adotada por Perelman e Tyché em seu Tratado da argumentação. (p. 21).

Desse modo, a retórica contemporânea acaba abrangendo todos os discursos e passando a não se limitar mais aos três gêneros oratórios da retórica aristotélica – judiciário, epidítico e deliberativo –, pois incorpora, agora, todas as formas atuais de discurso persuasivo, como também produções não verbais. Ferreira (2010) diz que, por não serem normativas, as novas retóricas continuam motivando comentários, discussões, argumentação. Portanto, na atualidade, a “retórica possui um novo espírito: o da integração entre as ciências humanas e as ciências dos discursos axiomáticos de demonstração”. (FERREIRA, 2010, p. 46).

Dentre essas novas retóricas, como já citado por Mosca (2001), destaca-se a do filósofo do Direito, polonês, Chaïm Perelman, que, em 1958, em coautoria com Lucie Olbrechts-Tyteca, lançou uma das obras responsáveis pela retomada das ideias retóricas, o *Tratado da Argumentação – a nova retórica*. Ferreira (2010) afirma que com as novas teorias da argumentação, baseadas em lógicas não formais (Perelman, Meyer, Lempereur, Reboul) e lógicas naturais (Grize, Vignaux), abriu-se espaço para os sentimentos, e o provável e o crível assumiram um lugar de destaque na argumentação.

As neoretóricas ainda permitiram o diálogo da retórica com outras abordagens teóricas, particularmente aquelas que se dedicam aos estudos do texto e do discurso, como a Pragmática, os Estudos Enunciativos, a Semiótica Discursiva, a Análise do Discurso Francesa etc.

Segundo Fiorin (2014, p. 9),

A Retórica é, sem dúvida nenhuma, a disciplina que, na História do Ocidente, deu início aos estudos do discurso. [...] A emergência da primeira disciplina discursiva traz consigo a consciência da heterogeneidade do discurso. Com efeito, desde o seu princípio, estava presente nos ensinamentos de Córax que todo discurso pode ser invertido por outro discurso, tudo o que é feito por palavras pode ser desfeito por elas, a um discurso opõe-se um contradiscurso.

As neoretóricas, assim, revelam a natureza dialógica e polifônica da linguagem, aprofundada nos estudos bakhtinianos, e chamam a atenção para as relações que se estabelecem entre os discursos e os sujeitos do discurso, ao apontar a trilogia ethos-pathos-logos como meios de persuasão responsáveis pela formação de sentidos.

Desse modo, como buscaremos analisar os diferentes ethos que emergem das postagens dos jogadores, assim como as paixões reveladas pelo auditório (phatos) ao ser provocado por esses oradores, e que, de certo modo, refletem no discurso (logos), discutiremos a seguir sobre o chamado triângulo retórico.

1.1.3 CONCEITOS RETÓRICOS: ETHOS, PATHOS E LOGOS

Segundo Reboul (2004), na retórica, persuade-se pelo discurso. Toda produção verbal escrita ou oral, que se constitui por uma frase ou uma sequência delas, e que apresenta uma certa unidade de sentido, é discurso. Desse modo, a retórica não se aplica a todos os tipos de discurso, mas somente àqueles que tem como objetivo persuadir ou que levam ao caminho da persuasão.

Como exemplo desses discursos, podemos citar: o cartaz, o sermão, a petição, etc. Assim, a retórica consistirá no discurso que persuade, uma vez que, estamos sempre usando as palavras como instrumento revelador para descrever, explicar e justificar nossas opiniões com o objetivo de levar o outro a aceitar uma posição nossa. No entanto, se nossos discursos apenas levam a fazer sem crer, não é retórica. A retórica é uma das aplicações da dialética, que para convencer faz utilização desta.

Assim, é pela palavra que nos tornamos “construtores sociais, sujeitos ativos que, de um modo ou de outro, se revelam no convívio com as pessoas” (FERREIRA, 2010, p. 12); e é por meio dela que buscamos influenciar as pessoas, com a finalidade de guiar as suas ações. Através das palavras, construímos e, ao mesmo tempo, somos construídos socialmente. Ao passo que usamos o discurso para explicar algo a alguém, tentamos fazer com que essa pessoa compactue com o nosso ponto de vista, ou, no mínimo, aceite uma negociação;

Segundo Ferreira (2010), a primeira função da retórica é herdada de seu conceito mais antigo: a persuasão. Como o discurso retórico se dirige aos homens no sentido mais vasto, “a persuasão leva em conta a dotação humana das faculdades, sentimentos, impulsos, paixões e busca fundir em si três ordens de finalidade. ” (FERREIRA, 2010, p. 150). Essas três ordens são chamadas de: *docere* (lado argumentativo do discurso – ensinar, transmitir), *movere* (comover, atingir os sentimentos), e *delectare* (agradar e manter viva a atenção do auditório).

Ferreira (2010) diz, ainda, que os meios de persuasão se condicionam em duas grandes ordens: a exploração da razão e da afetividade. Desse modo, para Aristóteles, movimentar esses meios implica numa faculdade de natureza teórica: “Assentamos que a retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão.” (ARISTÓTELES, s/d, p. 2, *apud* FERREIRA, 2010, p. 16).

Entrelaçado a isso, nas concepções de autores modernos, ocorre uma ressignificação do conceito de persuasão, como é o caso de Perelman e Olbrechts-Tyteca no *Tratado da Argumentação*, que dizem que: “O objeto dessa teoria é o estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos a teses que lhe apresentam ao assentimento”. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 4).

Nesse sentido, Mosca (2001) diz que, para decidir em que medida um discurso visa persuadir e como faz, levam-se em conta as características essenciais da situação em que se dá, e as relações de intersubjetividade dos interlocutores. Os discursos persuasivos geram efeitos não apenas de um simples ato “ilocutório”, mas também de elementos retirados da situação “ilocucionária”. Mosca ainda comenta que no discurso persuasivo “são mobilizados todos os recursos retóricos para produção de efeitos de sentido, isto é, com vista a um determinado fim, havendo, pois, um caráter manipulador em seu funcionamento” (MOSCA, 2001, p.22). Nessa lógica, todo discurso acaba sendo uma construção retórica.

Outro aspecto que se destaca com a neorretórica, principalmente com os estudos de Perelman (2014), é a apresentação de técnicas argumentativas; estas podem ser vistas de duas formas: a positiva, que consiste no estabelecimento de solidariedade entre teses que se procuram promover e as teses admitidas pelo auditório, neste caso, os argumentos de ligação; e a forma negativa, que visa romper a solidariedade entre as teses admitidas e as que se opõem às teses do orador, os argumentos de dissociação. Os argumentos de ligação, que remetem à linha de técnicas argumentativas positivas, agrupam-se em três tipos: *os argumentos quase lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real, e aqueles que fundamentam a estrutura do real*.

Os “argumentos quase lógicos” são aqueles que se apresentam explicitamente, que têm força de persuasão nas semelhanças com argumentos formais. Os “argumentos baseados na estrutura do real” são aqueles que “valem-se da realidade para estabelecer as conexões que o orador pretender estabelecer com seu auditório.” (FERREIRA, 2010, p. 162); já os argumentos que se fundamentam na estrutura do real, são aqueles que lidam com as argumentações fundamentadas pelo recurso ao particular. (FERREIRA, 2010, p. 167).

Dentro da retórica, existem também os lugares retóricos. Segundo Ferreira (2010, p. 69), “os lugares são grandes armazéns de argumentos, utilizados para estabelecer acordos com o auditório”, no entanto, sempre com o objetivo de persuadir. Esses lugares são divididos em: lugar de qualidade e lugar de quantidade. O lugar da qualidade “consiste na afirmação de que algo se impõe sobre os demais de sua espécie por ter mais qualidade, porque é único, raro,

original”, e o lugar de quantidade é visto “quando se afirma que uma coisa é melhor que a outra por motivos quantitativos” (FERREIRA, 2010, p. 70).

Os pioneiros da retórica afirmam que, além do lugar de quantidade e qualidade, existem também os lugares de ordem, do existente, da pessoa e da essência. Ultimamente, com a intenção de persuadir em propagandas, surgem outros lugares que foram adicionados àqueles definidos por Aristóteles, que são: lugar da juventude, lugar da beleza, lugar da sedução, lugar da saúde, lugar do prazer, lugar do status, lugar da diferença, lugar da tradição, lugar da modernidade, lugar da autenticidade e lugar de qualidade/preço. (FERREIRA, 2010, p. 70).

A retórica vai trabalhar também com os meios de persuasão, que são o ethos, o pathos e o logos. Segundo Ferreira (2010), é o ethos que simboliza o caráter do orador, ou a forma que é construída sua imagem ou dos outros em seu discurso. O Pathos, que se refere ao conjunto de emoções, crenças e paixões que o orador consegue causar no auditório, e o Logos, que se encarrega do discurso, pois, através dele, demonstramos o que parece ser verdade de acordo com que se conhece de cada assunto.

O auditório, baseado em suas emoções, paixões (pathos), aceita ou não essa realidade dita/colocada pelo orador (ethos) no discurso (logos), fazendo uma avaliação se a sua construção retórica é ou não cativante, interessante e justa para, então, concordar ou discordar do que foi colocado. Ao associar essa ideia aos discursos dos jogadores, podemos perceber que ambos recebem de seus auditórios reações de concordância/discordância para com a publicação da HQ, e isso se dá pela forma como os jogadores constroem os seus posicionamentos a favor ou não da causa LGBTQIA+.

Dentre os três meios de persuasão apontados pela retórica, o ethos é considerado por Aristóteles (2011) o mais importante. Para o filósofo, o ethos está ligado à ética e ao caráter pessoal do orador construídos/mostrados no momento do discurso, não importando o que o auditório pensa sobre ele antes desse momento. Em uma visão retórica mais atual sobre o ethos, Ferreira (2010) diz que “hoje se aceita como ethos a imagem que o orador constrói de si e dos outros no interior do discurso.” (FERREIRA, 2010, p. 90).

Para essa construção da imagem do orador, convergem a imagem que ele faz de seu auditório (pathos), a imagem que ele crê que o auditório faz dele e todas as imagens discursivas que ele constrói no logos (discurso) e que se refletem na construção de sua própria imagem. Desta forma, diferentes ethos podem ser mostrados num discurso, o do orador e o daquele (s)

grupo (s), pessoa (s), instituição (ões) de quem ele fala, e essas diferentes imagens discursivas funcionam como meios de persuasão.

A partir disso, é interessante pensar como a imagem discursiva dos jogadores é construída, e como eles, enquanto oradores, imprimem diferentes *ethos* em seus discursos. Por isso, a definição de *ethos* no corpo do nosso trabalho ganhará destaque, principalmente quando se trata de informações prévias sobre esses oradores, que influenciam na forma que discursam e na imagem que o público já tem deles, o intitulado *ethos* prévio.

1.2 O *ETHOS* EM FOCO

O conceito de *ethos* passou por várias definições ao longo do tempo. Os antigos, por exemplo, definiam-no como uma construção de uma imagem de si com o intuito de garantir o sucesso da arte de falar. Acerca dessas discussões a respeito do *ethos*, Amossy (2018) diz que é importante saber se é necessário privilegiar a imagem de si que o orador projeta em sua fala, ou antes, a imagem que advém de um conhecimento prévio de sua pessoa.

Com a noção de *ethos* como o caráter/imagem construídos/mostrados pelo orador, Aristóteles acaba responsável por inaugurar um debate que vai se seguindo ao longo dos séculos e que até hoje é alvo de desdobramentos com os estudos da Pragmática Contemporânea, da Análise do Discurso, dentre outros.

Para Aristóteles, é no momento do discurso que o orador constrói uma imagem de si. Nessa perspectiva, Roland Barthes observa que o *ethos* consiste nos “traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão [...] o orador enuncia uma informação, e, ao mesmo tempo, ele diz, eu sou isto, eu não sou aquilo”. (BARTHES, 1975 *apud* AMOSSY, 2013a, p. 10).

Amossy (2013a) diz que foi o linguista Oswald Ducrot quem retomou o termo no ano de 1980, na sua teoria polifônica da enunciação, ou seja, em uma pragmática semântica. Assim, “ao designar por enunciação a aparição de um enunciado, e não o ato de alguém que o produz, Ducrot evita relacioná-lo preliminarmente a uma fonte localizada, a um sujeito falante.” (AMOSSY, 2013a, p. 14). Ou seja, é o próprio enunciado que irá fornecer as instruções a respeito do (s) autor (es) eventual (ais) da enunciação.

A respeito das concepções de Ducrot, Amossy (2013) coloca:

O recurso à noção de ethos para designar a imagem do locutor como ser do discurso não é menos interessante uma vez que é efetivamente bastante próximo da concepção aristotélica, e constitui um ponto de encontro fecundo entre duas teorias divergentes da argumentação. No entanto, Ducrot não desenvolveu sua reflexão sobre o ethos. (AMOSSY, 2013a, p. 14).

Assim, de lá para cá, outros estudiosos, em diferentes abordagens teóricas, têm se debruçado sobre o ethos. Nos estudos discursivos, destacam-se Dominique Maingueneau e Ruth Amossy.

Maingueneau (2013) diz que não podemos nos contentar com a retórica tradicional em fazer do ethos um meio de persuasão, pois ele ajuda a constituir a cena de enunciação: “O discurso pressupõe essa cena da enunciação para poder ser enunciado [...] qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação da enunciação que o torna pertinente”. (MAINGUENEAU, *apud* AMOSSY, 2013, p. 75).

Conforme o autor, a cena da enunciação é composta por três cenas que são denominadas cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante corresponde ao tipo do discurso; por exemplo: literário, religioso, filosófico e etc. A cena genérica é a associada a um gênero, a uma instituição discursiva: o sermão, o editorial, a consulta médica etc. Já a cenografia é constituída pelo próprio texto, não é imposta pelo gênero: o discurso publicitário, o discurso político etc. Sobre a cenografia, Maingueneau coloca o seguinte aspecto:

O leitor reconstrói a cenografia de um discurso com o auxílio de indícios diversificados, cuja descoberta se apoia no conhecimento do gênero de discurso, na consideração dos níveis da língua, do ritmo etc., ou mesmo em conteúdos explícitos. Em uma cenografia, como em qualquer situação de comunicação, a figura do enunciador, o fiador, e a figura correlativa do coenunciador são associadas a uma cenografia (um momento) e a uma topografia (um lugar) das quais supostamente o discurso surge. (MAINGUENEAU, 2013, p. 77).

Assim, ao mesmo tempo, a cenografia é aquela de onde o discurso vem e aquela que ele forma: “ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala surge é precisamente a cena requerida para enunciar”, revelando a personalidade discursiva do enunciador. (MAINGUENEAU, 2013, p. 77)

O teórico ainda afirma ser impossível desconhecer que o auditório constrói uma imagem do orador anterior ao seu discurso, baseada no que se sabe dele, o que ele chama de ethos pré-discursivo. Apesar disso, segundo ele, esse ethos anterior é menos importante do que o ethos

discursivo, já que pode ser confirmado ou não no discurso por aquilo que é mostrado, pelo modo de dizer. Do mesmo modo, é mais importante esse ethos mostrado do que o ethos dito pelo orador, ou seja, do que aquilo que o orador diz de si mesmo.

Amossy (2013b) também considera que criamos uma imagem do orador antes mesmo de ele realizar seu discurso, ou seja, levamos em conta o que já sabemos desse orador, como o meio em que vive, suas crenças pessoais, seu status etc., o que ela denomina ethos prévio, que consideramos mais adequado do que o termo de Maingueneau (2013), por considerarmos que qualquer imagem, mesmo que não concomitante a um momento outro de enunciação, é discursiva e não pré-discursiva. Essa noção de ethos prévio está interligada com a de estereótipos, que, segundo a autora, é essencial para estabelecer o ethos.

A autora nos lembra que a estereotipagem “é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, em um esquema coletivo cristalizado.” (AMOSSY, 2013b, p. 125). Desse modo, a sociedade tem uma avaliação e uma percepção do indivíduo de acordo com um modelo que é pré-construído. Sendo tanto o estereótipo quanto o ethos prévio construções pré-estabelecidas, portanto, acabam sendo semelhantes. Nesse sentido, “os antecedentes morais, éticos e as atribuições de caráter formariam uma imagem, antecipadamente construída pelo auditório, capaz de afetar e de condicionar aquela que o próprio enunciador constrói de si em seu discurso.” (FERREIRA, 2010, p. 91).

De fato, consideramos que a ideia prévia que é feita do orador e a imagem de si que é construída por ele em seu discurso não podem ser totalmente isoladas. O auditório atribui uma grande relevância à primeira impressão, sendo, assim, bem difícil de “corrigi-la”, para criar outra que seja mais favorável.

O ethos prévio vai condicionar a construção do ethos discursivo e demanda a reelaboração dos estereótipos desfavoráveis, os quais podem diminuir a eficácia dos argumentos. Consequentemente, a noção de ethos também se relaciona com a de pathos, visto que a imagem do orador será construída a partir de um conhecimento prévio do seu auditório, que permitirá que selecione os argumentos adequados para persuadir os seus ouvintes.

Sabemos que os estudos retóricos possuem como base o ethos aristotélico, mas em vista das mudanças que se configuraram ao longo do tempo, principalmente relacionadas aos estudos discursivos e ao conceito de ethos, assim como os meios em que esses discursos circulam, a noção de ethos que melhor atende a proposta desse trabalho é a que considera a importância do

ethos prévio na construção do ethos discursivo, que se efetua no momento da enunciação. Logo, a abordagem adotada para análise do corpus será a apresentada pelos estudos contemporâneos.

Porém, não só apenas as noções de ethos serão necessárias para a contextualização da análise, visto que, as paixões emitidas pelos auditórios nas postagens selecionadas também constituem nossos critérios de análise, particularmente, nos comentários. Assim, é importante sabermos o que se configura como paixões e a tipologia apresentada por Aristóteles (2000).

1.3 PAIXÕES DO AUDITÓRIO

Como já sabemos, os discursos retóricos buscam despertar no auditório a adesão às teses defendidas pelo orador. Assim, nesse processo persuasivo, uma das estratégias mais eficazes é a de provocar paixões no seu auditório. Em seu livro II da *Retórica*, intitulado aqui no Brasil de *A Retórica das Paixões*, Aristóteles diz que “as paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudanças nas pessoas, fazem variar seus julgamentos, e são seguidos de tristeza e prazer, como a cólera, a piedade, o temor e todas as outras paixões, assim como seus contrários.” (ARISTÓTELES, 2000, p. 5).

Michel Meyer (2000), no prefácio dessa mesma obra, comenta: “lugar em que se aventuram a identidade e a diferença, a paixão se presta a negociar uma pela outra; ela é momento retórico por excelência”. (MEYER, 2000, p. XL). Nesse sentido, o campo emotivo passa a obter a persuasão e o conhecimento do outro, ou seja, as paixões, dentro de um espaço argumentativo, atuam como “pontes que permitem a conexão e a proximidade dos homens por meio da identificação de traços deflagrados em comum.” (FIGUEIREDO, 2018, p. 7).

Nessa linha de pensamento, Figueiredo (2018) ressalta que as paixões ou emoções humanas funcionam também como direcionadores sentimentais que visam introduzir um estado em um sujeito para, depois, tornar sua visão, sobre determinada questão, favorável a quem profere o discurso. Entrelaçado a essa ideia, Aristóteles afirma que “para as pessoas que amam, as coisas não parecem ser as mesmas que para aquelas que odeiam, nem, para os dominados pela cólera, as mesmas que para os tranquilos”. (ARISTÓTELES, 2000, p. 3). Isto é, temos aqui “a confirmação de que as paixões possuem o poder de alterar a ótica de quem observa uma questão, fazendo seu julgamento variar de acordo com a afecção introduzida em sua alma.” (FIGUEIREDO, 2018, p. 8).

Vale ainda ressaltar, que, especificamente na retórica, as paixões são tidas como a “resposta a outra pessoa, e mais precisamente à representação que ela faz de nós em seu espírito. As paixões refletem, no fundo, as representações que fazemos dos outros, considerando-se o que eles são para nós, realmente ou no domínio de nossa imaginação.” (MEYER, 2000, p. XLI). Assim, é cabível lembrar que, nesse campo do saber, “as paixões estão relacionadas a situações transitórias, provocadas pelo orador; por essa razão, não são entendidas como virtudes ou vícios permanentes”. (FONSECA *apud* FIGUEIREDO, 2018, p. 8).

Entretanto, consciente do papel que as paixões possuem no discurso, Aristóteles (2000) descreve com maestria sobre como elas acometem a alma humana e as fazem subjugar. Assim, para um melhor entendimento desse universo retórico passional, 14 tipos são citados e elencados pelo filósofo em sua obra, sendo elas, respectivamente: a cólera, a calma, o amor, o ódio, o temor, a confiança (segurança), a vergonha, a impudência (desvergonha), o favor (obsequiosidade), a compaixão (piedade), a indignação, a inveja, a emulação e o desprezo.

Vejamos alguns aspectos de cada uma dessas paixões:

A *cólera* (1), é o impulso/desejo de vingança “causado por injustificada negligência em relação ao outro ou aos que são seus queridos.” (FIGUEIREDO, 2018, p. 9). Consiste na tentação de causar desgosto ao outro. Segundo Aristóteles (2000), são três as espécies de desprezo que levam à cólera: o desdém, a difamação e o ultraje. Em contraposição, a *calma* (2) é definida por ser o inverso, o antídoto preciso para cessar a cólera.

O *amor* (3) é a sensação mais bela de desejarmos as coisas que consideramos realmente boas para os outros, ao passo de tentarmos ao máximo concretizá-las em suas vidas. É, pois, o laço de identidade com o outro, seja através de um romance ou amizade. Já o *ódio* (4) é o desejo/ânsia de querer causar o mal ao outro. “Diferentemente da cólera, o ódio diz respeito à inimizade em relação ao geral, às classes, não ao particular. Odeiam-se aos ladrões, malfeitores e carrascos: às classes, não aos sujeitos.” (FIGUEIREDO, 2018, p. 9).

Seguidamente temos o *temor* (5) e a *confiança* (6). O temor, segundo Figueiredo (2018), consiste em uma dor ou distúrbio decorrente da projeção de um mal iminente que tem caracterização destrutiva e penosa. É acompanhado de uma expectativa. Temos muitos temores, pois não conseguimos viver uma vida sem o sentimento de temor. Em oposição ao medo, temos a confiança, que é “acompanhada da esperança (antecipação) das coisas que levam à segurança como algo próximo, enquanto as causas do medo parecem inexistentes ou distantes”. (FIGUEIREDO, 2018, p. 9).

Já a *vergonha* (7) e a *impudência* (8) estão ligadas, ao passo que a primeira aprecia a imagem que o outro cria de nós, assim como, caracteriza a inferioridade que sentimos em relação ao outro. A segunda “também ocorre de acordo com a imagem que criam de nós, porém, essa concepção não nos traz dor alguma, pelo contrário, cria indiferença que anula qualquer possibilidade do desgosto.” (FIGUEIREDO, 2018, p. 10).

O *favor* (9) é a bondade/generosidade desinteressada, ou seja, quando realizo/devolvo um favor para o outro sem esperar receber nada em troca. A *compaixão* (10) é a capacidade de sentir a dor que o outro sente; é tida como um mal destrutivo ou doloroso, que recai sobre quem não o merece. Segundo Figueiredo (2018), a compaixão é despertada quando pensamos que nós ou aqueles próximos a nós podem sofrer de tal mal, especialmente, quando essa possibilidade parece ser real e alardeadora.

Temos ainda a *indignação* (11), que “compreende uma dor ao avistar o destino de alguém que não o mereceu.” (FIGUEIREDO, 2018, p. 10); e a *inveja* (12), tida como um sentimento de angústia, ou mesmo raiva, perante o que o outro possui, além de estar relacionada à sensação de querer tirar ou destruir o que o outro tem.

Por fim, Aristóteles (2000) discorre sobre a *emulação* (13) e o *desprezo* (14). A emulação está relacionada ao movimento de imitação do outro. “É uma dor sentida, não porque as outras pessoas tenham tais bens, mas porque não os temos também, o que nos impele a querer possuí-los.” (FIGUEIREDO, 2018, p. 10). Já o desprezo é a antítese da emulação, ou seja, as “pessoas que estão em posição de serem imitadas tendem a sentir desprezo por aqueles que estão sujeitos a quaisquer males (defeitos e desvantagens). Assim, o desprezo pressupõe que o outro não merece o que tem pelo fato de ser inferior ao seu destino. (FIGUEIREDO, 2018, p. 10).

Vale lembrar que essas reflexões feitas por Aristóteles a respeito das paixões humanas foram de suma importância, visto que pesquisadores de diversas áreas retomaram suas ideias a fim de fundamentar suas pesquisas, como é o caso da Sociologia, da Psicologia, da Linguística, da Filosofia, entre outras.

Dessa forma, como já citado anteriormente, as paixões também acabam inseridas nesse contexto retórico, já que refletem a forma como o discurso dos oradores é recebido, ou seja, quando um fato polêmico, como o da HQ, ganha notoriedade através de pessoas públicas, ocorre uma intensificação nos sentimentos do auditório. Assim, na medida que esses oradores expõem suas posições sobre determinados assuntos, como é o caso da representatividade

homoafetiva em revistas em quadrinhos, afloram-se os sentimentos do auditório, sejam eles de amor/ódio, reprovação/negação, dentre outros.

1.4 A POLÊMICA

Nesta sessão, trataremos sobre as especificidades da polêmica com destaque para questão do dissenso e as marcas que caracterizam esse fenômeno.

1.4.1 A POLÊMICA PÚBLICA: QUESTÕES SOBRE O DISSENSO

No cenário atual, os conflitos de opinião e seus escândalos ocupam um lugar privilegiado na cena política e midiática de uma sociedade democrática. As polêmicas são constantemente diárias e estão a todo tempo nos convocando para nos posicionarmos em um dos lados de um embate. Assim, de alguma maneira, acabam por possuir uma má reputação, como também, atraem críticas de todos os lados e alimentam a troca de insultos.

Muitos estudos ainda refletem sobre a natureza da polêmica pública, pois é cabível pensar sua função social, como também a contradição que esse fenômeno gera, já que, se a polêmica não apresenta nenhuma vantagem, por que ela invade tão fortemente o espaço público? Se é tão depreciada, como ocupa uma posição de destaque nas mídias nas quais se nutre a opinião? Na verdade, o que existe ainda é uma contradição entre a forma como é vista e o local que ocupa. (AMOSSY, 2017, p. 8).

A respeito disso, Amossy (2017) apresenta algumas reflexões sobre as funções ocupadas pela polêmica no espaço democrático:

Propõe a ideia de *função*, pois é difícil supor que um fenômeno tão recorrente não preencha certas funções sociais, seja qual for a natureza e sua importância. E associa a noção de *funcionamento*, pois, [...] é importante ver *in loco*, isto é, em casos concretos, como a polêmica se constrói discursivamente e modela a comunicação. Ela mantém a noção de *espaço público*, pois é aí que desdobram os debates inflamados sobre questões controversas de interesse geral. (p. 9).

Ou seja, é na esfera democrática que as divergências de opiniões podem ser manifestadas livremente e onde os confrontos de ideias estão expostos aos olhos de todos. Desse modo, o que irá de fato importar “não é o problema social tratado pela polêmica, mas o fenômeno global que ela suscita”. (AMOSSY, 2017, p. 9).

Amossy (2017) assim, acaba vinculando a ideia de polêmica pública à noção de *dissenso*. O *dissenso*, por hora, vai além de um simples desacordo, já que assinala o inverso do acordo social, ou seja, a divisão de opiniões no espaço público. Por essa ótica, a autora tece uma crítica aos estudos da Retórica e da Argumentação, uma vez que, através da *deliberação* há essa tentativa de negociar as diferenças para se chegar a um acordo, ou seja, a retórica põe essa necessidade de encontrar, através da interação verbal, uma resposta comum que permita ultrapassar diferenças e alcançar decisões e ações coletivas. No entanto, esses estudos esquecem de dar uma atenção maior a esse “desacordo profundo”, no caso, ao *dissenso*.

Assim, apesar dos estudos da Argumentação trabalharem com a divergência, a polêmica chega a ser uma divergência profunda e não um mero desacordo. Diante disso, Amossy (2017) coloca que “o *dissenso* é, sem dúvida, o motor incontestado da democracia” e, contrariamente à visão que o diaboliza, proclamando o consenso como um valor indispensável à coexistência pacífica. (AMOSSY, 2017, p. 19)

Em suma, nas convicções que regem a comunicação e o debate herdado da Retórica e desenvolvidas através de abordagens mais contemporâneas da comunicação no ambiente público, a rejeição do desacordo continua central e “intimamente ligada a um ideal de razão e de harmonia social”. Em síntese, todo confronto verbal que não chega a um acordo é tido como desqualificado e considerado um “tropeço no fracasso”. No fim, a retórica persuasiva, a qual dá conta das teorias da argumentação e da comunicação contemporânea, encontra nessas premissas uma razão de ser. (AMOSSY, 2017, p. 29).

Opondo-se a Aristóteles e a alguns estudiosos da Nova Retórica (como Perelman e Olbrechts-Tyteca), Schopenhauer (2017) pretende fundar uma “dialética erística”, a qual “visa ensinar como devemos nos defender (em particular contra ataques desleais) e como devemos atacar o que o outro afirma sem sermos refutados.” (AMOSSY, 2017, p. 38). Assim, é válido lembrar que o filósofo alemão insiste no fato de que não se trata de uma arte de defesa de proposições falsas, mas sim, de uma arte de se defender. Logo, Schopenhauer (2017), aparece como um pai fundador dos estudos da polêmica na atualidade.

Nessa linha de pensamento, um passo importante foi dado por Marcelo Dascal em sua retórica das controvérsias, na qual evidencia a natureza da atividade crítica e a fecundidade das interações polêmicas. Segundo ele,

[...] elas não são um ato de resistência à razão pela obstinação de fazer triunfar sua própria posição, mas uma forma de atividade dialógica que, no domínio

das ciências, permite compreender o sentido de uma teoria e de levar em conta as mudanças conceituais. (AMOSSY, 2017, p. 39).

Ou melhor, o confronto e a luta de teses antagônicas têm um valor heurístico: geram a compreensão e até mesmo o saber.

Já Kock (2017), estudioso dinamarquês, apresenta sua abordagem retórica que vai muito mais além na aceitação e no reconhecimento da polêmica pública, uma vez que abre uma pista que sugere que o *dissenso* é parte integrante da vida pública regida pela argumentação prática, que se deve diferenciar claramente da argumentação teórica. Assim, o autor acaba batendo de frente com as abordagens e teorias que defendem a ideia de que uma discussão racional é passível de resolver diferenças de opinião. (AMOSSY, 2017, p. 40).

Entretanto, para Amossy (2017), se Kock (2017) coloca virtudes da confrontação acima da busca do consenso, ele também acaba por não valorizar a polêmica pública. Logo, para a autora “trata-se de fazer justiça a uma retórica do *dissenso*, isto é, a uma gestão do conflito de opinião sob o modo de dissidência, e não de uma busca do acordo. (AMOSSY, 2017, p. 41).

1.4.2 QUESTÕES DE DEFINIÇÃO

Estabelecer de fato uma definição de polêmica que abranja todas suas especificidades não é uma tarefa fácil. Por isso, para melhor entender sua natureza, Amossy (2017) buscou seus significados em três fontes diferentes: os dicionários, o discurso corrente e as conceitualizações científicas.

Na primeira, a autora diz que há uma certa monotonia e pobreza das definições lexicográficas, isto é, segundo a pesquisadora Catherine Kerbrat-Orecchioni, a qual consultou uma quinzena de dicionários que cobrem cinco séculos de língua francesa, eles se apoiam na etimologia do termo, advindo do grego *polemikos*, correspondente à guerra. Desse modo, a etimologia permite que assimilemos a polêmica a toda negatividade que se inscreve na degradação do diálogo em combate. (AMOSSY, 2017, p. 43-44). Nesse sentido, Amossy (2017, p. 53) coloca que: “Pode-se, portanto, definir a polêmica como *um choque de opiniões antagônicas*, marcando o caráter constitutivo que desempenha nela o conflito. (AMOSSY, 2017, p. 53).

Já com relação a uma definição discursiva, a Linguística, com base em diversos exemplos coletados de recortes das utilizações do termo em jornais, diz que a polêmica “aparece aí como uma reação a uma tomada de posição, sobre a qual existe um desacordo. [...] frequentemente qualificada de vã e estéril, ela não é percebida como participante da argumentação ou então constitui uma pseudoargumentação”. Assim, de maneira geral, fica nítido que os usuários do termo depreciam a polêmica, considerando-a “um discurso de dissentimento não argumentativo e coercivo, marcado pela violência e pela paixão”. (AMOSSY, 2017, p. 45).

No que propõe a modalidade argumentativa, Amossy (2017), diz, então, que a polêmica é “um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios da sociedade mais ou menos importantes numa dada cultura.” (AMOSSY, 2017, p. 49). Partindo disso, a autora, com a finalidade de diferenciar a polêmica da deliberação comum, caracteriza três marcas desse fenômeno que são importantes para ajudar na sua definição: *a dicotomização, a polarização ou divisão social e a desqualificação do adversário*.

Para melhor entender o processo de *dicotomização*, a autora estabelece dois polos; de um lado temos a co-construção, que é justamente a deliberação do acordo, e no outro têm-se o choque de teses antagônicas, que, nesse caso, de algum modo, acabam se excluindo mutuamente. Ou seja, a polêmica, aqui, se caracteriza constitutivamente pela *dicotomização*, em que as duas opções propostas se excluem mutuamente, impossibilitando chegar-se, de alguma maneira, a um acordo. Assim, enquanto o debate argumentativo supõe direcionar os participantes para uma possibilidade de solução, a *dicotomização* radicaliza o debate, deixando-o mais difícil. (AMOSSY, 2017, p. 53.)

A segunda marca, que se trata da *polarização social*, “consiste em estabelecer campos inimigos e é, portanto, um fenômeno social, e não uma divisão abstrata em teses antagônicas e inconciliáveis”. (AMOSSY, 2017, p. 57). Isto é, diferente da *dicotomização*, que é um elemento mais abstrato, a *polarização* é um fenômeno totalmente social, que realiza reagrupamentos em campos diversos entre os participantes, mas que não se resume apenas a uma divisão em “branco/preto, direita/esquerda – ela põe também uns ‘nós’ diante de um ‘eles’”. (AMOSSY, 2017, p. 56).

No contexto de um acontecimento polêmico, em volta desses dois posicionamentos, grupos sociais irão se formar, e é a partir disso que teremos o fenômeno da *polarização social*. Um exemplo bem comum no Brasil é, sobretudo, a polarização política, essa divisão entre

direita e esquerda, ou seja, esses grupos se dividem e buscam maneiras de auto se atacarem, configurando a *polarização*. Melhor dizendo, esse “polo” se divide entre o “nós” (defensores do bem) e o “eles” (defensores do mal), ou seja, os dois lados desses “polos” se dizem defensores de suas ideias e acreditam em sua verdade – que o lado que defendem é aquilo que é o melhor para a sociedade.

Ainda dentro dessa marca da *polarização*, Amossy (2017) diz que:

É preciso ver que a polarização não provoca apenas um movimento de reagrupamento por identificação, ela trabalha também para “consolidar a identidade do grupo apresentando pejorativamente os outros” (Orkibi, 2008). Ela supõe a existência de um inimigo comum a tal ponto que a estratégia de afirmação positiva se acrescente a uma “estratégia de subversão” que vem depreciar um *ethos* de grupos, de ideologias e de instituições concorrentes. É por isso que a polarização utiliza, de bom grado, manobras de difamação. (AMOSSY, 2017, p. 58).

Temos aí um dos traços principais que definem a polêmica – a *desqualificação do adversário*. Nesse processo, o outro tem sua imagem desacreditada e, com isso, a sua identidade atacada. Esse ataque, na argumentação, pode ser chamado tanto de *ad hominem* (ataque mais pessoal) quanto de *ad personam* (ataque mais violento). Assim, essa desqualificação visa justamente desacreditar as ideias do outro, pois quando o outro é desacreditado, ele acaba perdendo sua credibilidade, e seu *ethos* é revelado. Desse modo, cabe aqui dizer que “a polêmica responde, então, ao discurso adverso, enfraquecendo-lhe os argumentos por todos os meios possíveis, seja pela negação, seja pela reformulação orientada, seja pela ironia, seja pela modificação dos propósitos...” (AMOSSY, 2017, p. 59).

Portanto, essa desqualificação que se dá pelo *ethos* pode chegar até à diabolização ou mesmo à demonização do outro; isto é, ocorre a apresentação do adversário com “traços do mal absoluto, as quais comportam uma incitação ao medo, ao mesmo tempo em que ao ódio.” (AMOSSY, 2017, p. 60). Um exemplo bastante comum é a demonização² de pessoas LGBTQIA+ por parte de uma maioria conservadora e religiosa, ou seja, para essas pessoas, esse grupo minoritário ocupa o lugar do “demonizado”, e, na visão delas, é impensável estabelecer um diálogo com o próprio demônio.

² Disponível em:

http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/194.%20desumaniza%C7%C3o%20do%20homossexuais.pdf. Acesso em: 14 de abril de 2022.

Apesar desses três elementos constitutivos da polêmica, Ruth Amossy (2017) ainda, apresenta outros dois, que nem sempre aparecem ou são tão comuns – a violência verbal e a interação patêmica.

Segundo Grácio (2014), Amossy (2017) interroga – o que é a violência verbal? E apesar de não apresentar uma definição concreta, propõe certos parâmetros descritivos pelos quais ela se pauta. O ponto principal é que ela defende que “a violência verbal não exclui a argumentação como permite muitas vezes não descambar para uma agressividade”. (GRÁCIO. 2014, p. 300). Nesse sentido, no quadro de uma argumentação verbal, a polêmica é funcional, ou melhor, não deve ser confundida com uma “fala selvagem”. “Ela toma corpo num espaço democrático que a autoriza e a regula ao mesmo tempo.” (AMOSSY, 2017, p. 65).

Já com relação às interações patêmicas, Amossy propõe, dentro da sua abordagem da argumentação do discurso, que haja um tipo de interação argumentativa (modalidade) em que o apelo às emoções seja fundamental, porque constituiria um propósito desse modo de argumentar. No entanto, essa abordagem ainda não foi maior desenvolvida pela autora. (OLIVEIRA; CAVALCANTE; SILVEIRA, 2020, p. 8).

Finalmente, é válido saber que a polêmica não é apenas um tipo de argumentação que gerencia conflitos confrontando-os, dicotomizando-os e polarizando-os, mas sim uma modalidade argumentativa como tantas outras.

Finalizando a abordagem das teorias e conceitos necessários para a análise do nosso *corpus*, passamos aos aspectos metodológicos de nosso trabalho.

2.0 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Como elencado anteriormente, o objetivo principal do nosso trabalho é analisar a imagem discursiva (*ethos*) dos jogadores da Seleção Brasileira de Vôlei, Douglas Souza e Maurício Souza, assim como as paixões advindas dos seus respectivos auditórios dentro desse contexto polêmico das redes sociais, especificamente em relação à HQ que traz um Super-Homem bissexual. Dessa forma, para o desenvolvimento desta pesquisa foi seguida inicialmente uma abordagem de natureza descritiva/bibliográfica, na medida que é essencial para estabelecer quais categorias e conceitos necessários para a análise do *corpus*.

Assim, por leituras, resenhas e fichamentos, buscamos falar sobre a origem da Retórica a partir de livros como: *Leitura e Persuasão: Princípios da análise retórica* (2010), de Luiz Antonio Ferreira; *Introdução à Retórica* (2004), de Olivier Reboul; e *Velhas e Novas Retóricas: convergências e desdobramentos* (2001), de Lineide Mosca. Com relação ao *ethos*, as obras fundamentais foram *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* (2016), de Ruth Amossy; e novamente *Leitura e Persuasão: Princípios da análise retórica* (2010), de Luiz Antonio Ferreira. Para as paixões do auditório utilizamos Aristóteles, com a sua *A Retórica das Paixões* (2000). E, finalmente, sobre a polêmica, *Apologia da Polêmica* (2017), também de Ruth Amossy. No entanto, outros autores e obras foram citados no corpo da fundamentação teórica desse trabalho com intuito de abranger diferentes pontos de vista.

A pesquisa também foi de natureza qualitativa, tendo em vista que se busca, no texto, os indícios de construção de diferentes *ethos*, o que revelará as estratégias linguísticas e discursivas dos oradores e do auditório. Conforme os estudos da Argumentação e da Neorretórica, todas as escolhas e usos do enunciador em todos os níveis linguísticos (no léxico, na sintaxe, na semântica...), textuais (na escolha do tema e das figuras, por exemplo, e na adequação ao auditório) e discursivos (na relação entre a linguagem e seus aspectos sócio-históricos culturais e nos efeitos de sentido produzidos), nos revelam os *ethos* enquanto imagem do orador e de outros de quem ele fala (pessoas, grupos) no seu discurso.

Todavia, a construção do nosso *corpus* parte do fato polêmico originado com o anúncio de publicação da HQ da DC (comics), em outubro de 2021. Por ser a primeira vez que um dos heróis mais famosos do mundo é retratado como bissexual, uma parcela da sociedade, ainda bastante conversadora, sentiu-se incomodada com a situação e procurou manifestar posicionamentos depreciativos. Grande parte dessas opiniões foram manifestadas em ambientes virtuais, como as redes sociais *Instagram*, *Twitter* e *Facebook*.

No Brasil, essa cena polêmica ganha destaque entre os meses de outubro e dezembro de 2021, iniciada a partir de uma publicação do jogador brasileiro de vôlei Maurício Luiz de Souza em sua conta pessoal do *Instagram*, a qual faz uma crítica à publicação da revista em quadrinhos. Do outro lado, a favor da luta da comunidade LGBTQIA+, temos o ex-colega de time de Maurício, Douglas Correia de Souza, o qual, indiretamente rebate essas opiniões também no seu perfil pessoal.

Nesse contexto, para realização da análise dos *ethos* que emergem e das manifestações do auditório (*phatos*), delimitamos o *corpus* a partir da seleção das publicações realizadas pelos jogadores em seus perfis do *Instagram*, no período de outubro a dezembro de 2021, propriamente por ser no auge desse acontecimento nas redes. Foram selecionadas e recortadas três publicações do perfil do *Instagram* de Maurício e uma do perfil do Douglas, sendo aquelas que tiveram um maior engajamento do público e se encontram contextualmente dentro do que propõe o tema. Já os comentários foram recortados dessas publicações, na medida que o critério para seleção se deu com base em aspectos linguísticos como seleção lexical, presença de argumentos contrários/a favor dos posicionamentos etc. Ao total, entraram para análise 10 comentários sendo que para cada uma das publicações, foram recortados 2 ou 3.

Portanto, o *corpus* se configura como as postagens realizadas pelos jogadores, bem como alguns de seus respectivos comentários. Nessa direção, para um melhor entendimento do que propõe o trabalho e para não haver desalinho com relação ao que buscamos nos objetivos gerais e específicos, a análise será segmentada em duas seções: 1 – Análise do *ethos* dos jogadores; 2 – Análise dos comentários (paixões do auditório).

3.0 ANÁLISE DO CORPUS: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Surgidas em 1894, nos Estados Unidos da América (USA), as histórias em quadrinhos foram por muito tempo um dos gêneros mais lidos em todo o mundo. Contudo, é apenas em 1938, com a publicação da *Action Comics 1*³ e a criação do Super-homem, que se inaugura a famosa “era dos super-heróis”, bastante conhecida na atualidade com as adaptações para o cinema. Na época, os personagens criados para compor os quadrinhos não tinham sua sexualidade questionada e já eram considerados heterossexuais pelo público leitor, claro que também, devido às leis do código de ética daqueles anos, que proibiam a retratação gráfica de sangue, violência, drogas e personagens homoafetivos.

Apesar das alterações legais que passaram a permitir uma maior retratação desses temas na década de 1930, nunca houve um forte estímulo por parte da grande maioria das editoras em apresentar personagens LGBTQIA+ ao público. Atualmente, isso ainda é pouco trabalhado, e quando ocorre é através de revistas menores com personagens não muito famosos mundialmente.

No entanto, uma das maiores editoras de revistas de quadrinhos do mundo, a DC comics, nos seus últimos lançamentos, passou a incluir mais personagens que representam a população LGBTQIA+ em suas HQ's, tendo em vista que esse público vem se mostrando e se impondo mais na sociedade. É o caso da edição que traz o filho de Clark Kent e Lois Lane, Jon Kent (atual super-homem), como um adolescente que se descobrirá bissexual ao se envolver com o melhor amigo.

A revista começou a ter suas primeiras edições lançadas nos primeiros meses de 2021, mas só na edição que saiu em novembro do mesmo ano que foi abordada a condição sexual de Jon Kent. A notícia já havia chamado bastante atenção antes mesmo do lançamento oficial, principalmente da comunidade LGBTQIA+, que recebeu positivamente a novidade nas mídias, entretanto, desagradou uma parcela da população que viu a situação como uma tentativa de destruição dos bons costumes e da moral.

No Brasil, esse debate virtual se intensificou no momento em que os criadores revelaram uma foto do beijo entre os personagens, esta que estaria presente na quinta edição de *Superman: Son of Kal-El*. Todavia, a polêmica sobre o assunto ganhou destaque nacional a partir das

³ Informações disponíveis em: <https://falauniversidades.com.br/a-representatividade-lgbt-no-mundo-dos-quadrinhos-e-sua-importancia/>. Acesso em 14 de junho de 2022.

publicações realizadas pelos ex-voleibolistas da seleção brasileira, Douglas Souza e Maurício, em seus perfis do *Instagram*, rede social⁴ mais popular do país na atualidade.

3.1 ANÁLISE DOS ETHOS DOS JOGADORES

Como já citado previamente, a notícia do lançamento da HQ, que traz um Super-homem bissexual, não foi recebida positivamente por uma boa parte da população no Brasil, principalmente no cenário digital, no qual foi alvo de ataques e discursos de ódio. Nesse contexto polêmico, insere-se o ex-jogador de voleibol Maurício Souza de 33 anos, natural de Itaúma, Minas Gerais (MG) e campeão mundial pelo esporte nas Olimpíadas do Rio de Janeiro de 2016; Maurício, por ser uma pessoa pública e bastante ativa nas redes, sempre expõe suas opiniões, em especial, na sua conta do *Instagram*, onde ele se coloca como uma pessoa de “bem”, “assumidamente heterossexual”, e que luta pelos valores da família tradicional brasileira⁵.

Com relação à notícia da HQ, não foi diferente, já que, incomodado com a representação de um personagem bissexual, usou sua posição social para reclamar aos seus seguidores. Na primeira postagem, realizada em 12 de outubro de 2021, o ainda jogador publica um recorte de uma notícia que traz a foto do beijo entre os dois personagens e que tem o seguinte enunciado “Superman atual, filho de Clark Kent, assume ser bissexual”.

Figura 1: Maurício Souza comenta sobre o filho de Clark Kent ser bissexual na HQ



⁴ Informações em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 14 de junho de 2022.

⁵ Informações em: <https://www.itatiaia.com.br/noticia/mauricio-souza-fui-injusticado-por-defender-pauta-conservadora>. Acesso em: 14 de junho de 2022.

Fonte: Captura retirada do perfil do jogador de vôlei Maurício Souza no Instagram

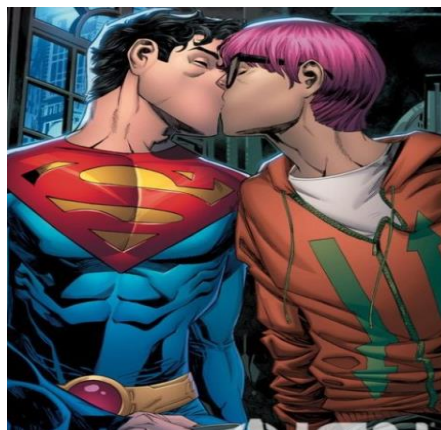
Em alusão ao conteúdo da imagem, Maurício escreve a seguinte legenda: “A é só um desenho, não é nada demais. Vai nessa que vai ver onde vamos parar...”; nota-se, então, que inicialmente o jogador de voleibol reproduz um discurso que já foi dito por alguém/algum grupo que considera o conteúdo da revista algo comum: /A é só um desenho, não é nada demais/; no entanto, em seguida, ironiza e chama atenção ao dizer: /Vai nessa que vai ver onde vamos parar’/; essa construção colocada por ele retoma, de maneira contrária, o que foi dito inicialmente, uma vez que há um apelo ao seu auditório para que conteúdos temáticos como esses não sejam abordados em revistas em quadrinhos, pois podem romper com “os valores tradicionais” da nossa sociedade. Maurício reproduz de maneira explícita não só uma crítica a DC comics, mas também à comunidade LGBTQIA+ ao ser representada por um super-herói bissexual.

Apesar do posicionamento do jogador se dirigir a um auditório particular, constituído de admiradores e pessoas com ideais de direita/extrema-direita, consideramos a impossibilidade de um auditório homogêneo, ainda mais num espaço tão plural e diversificado quanto o *Instagram*, e, por essa razão, percebemos que seu posicionamento não foi aprovado por todos os seus seguidores. Por ser uma pessoa pública e ex-campeão mundial olímpico, sua fala tomou proporções maiores, chamando atenção daqueles que dizem a favor da luta da comunidade LGBTQIA+.

A questão é que grande parte dessas pessoas que criticaram o posicionamento do atleta movimentaram as redes sociais dos patrocinadores do clube (Minas Tênis Clube) com pedidos para que ele fosse afastado. Uma dessas pessoas que cobrou um posicionamento é o ex-colega de seleção de Maurício, Douglas Souza, de 26 anos e natural de Santa Bárbara d'Oeste-São Paulo, e também campeão mundial de voleibol nas olimpíadas do Rio.

Douglas ganhou muito destaque nos últimos jogos olímpicos de Tóquio ao se assumir publicamente *gay* dentro de uma realidade ainda bastante conservadora que é o esporte. Aliás, diferente de Maurício, ele é engajado com a luta da sua comunidade e sempre aborda questões de representatividade em seu perfil do *Instagram*. Assim, diante da situação, não deixou passar despercebido o comentário feito pelo ex-colega de time e, indiretamente, usou seu perfil para criticá-lo.

Figura 2: Douglas Souza comenta sobre beijo gay na HQ do filho do Superman



Fonte: Captura retirada do perfil do jogador de vôlei Douglas Souza no *Instagram*

Na postagem realizada no dia 15 de outubro, três dias após o posicionamento de Maurício ter ganhado a mídia, Douglas escreve: “Engraçado que eu não ‘virei heterossexual’ vendo os super-heróis homens beijando mulheres... Se uma imagem como essa te preocupa, sinto muito, mas eu tenho uma novidade para sua heterossexualidade frágil kkkkkkkk Vai ter beijo sim. Obrigado DC por pensar em representar todos nós e não só uma parte.” Na legenda, podemos perceber que o atleta ironiza um pensamento tradicional de uma parte da sociedade que acredita que vemos casais homoafetivos beijando-se influencia na nossa condição sexual; para isso ele usa suas experiências pessoais ao dizer: /Engraçado que eu não “virei heterossexual” vendo os super-heróis homens beijando mulheres.../; isto é, Douglas rebate o argumento de Maurício de que o lançamento de uma HQ com um beijo gay possa influenciar na orientação sexual de alguém, já que, apesar de ter tido contato apenas com histórias de Super-heróis heterossexuais, ele é homossexual.

Na sequência da construção fica nítido que há um direcionamento do seu discurso para um auditório que se manifestou contra o lançamento da revista, em específico para aqueles que são heterossexuais: /Se uma imagem como essa te preocupa, sinto muito, mas eu tenho uma novidade para sua heterossexualidade frágil kkkkkkkk Vai ter beijo sim./; apesar de não fazer menção direta a Maurício, é nítido que Douglas usa sua voz para criticá-lo, ao ponto que zomba dele/daqueles ao usar os termos “heterossexualidade frágil” e as risadas representadas pelo o uso do “kkkkkkkk”. Por fim, agradece ainda a editora da revista pela novidade: /Obrigado DC por pensar em representar todos nós e não só uma parte./.

A verdade é que essa postagem de Douglas inflamou ainda mais as reações dos auditórios – isso inclui tanto uma parcela que é favor da luta dessa minoria e buscou atacar virtualmente o Maurício, quanto os conservadores, que criticaram o *post* de Douglas por

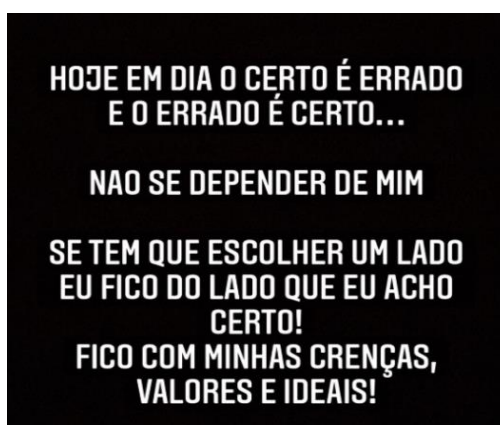
acreditarem que uma revista em quadrinho com esse tipo de conteúdo pode influenciar na condição sexual das pessoas, em especial das crianças. Tem-se, então, um confronto de opiniões divergentes que ganhou olhares em vários espaços de interação, em especial nas redes sociais, incorporando assim uma polêmica pública.

Todavia, como já citado anteriormente, Amossy (2017) diz que um dos traços principais de uma polêmica é a ideia de *dissenso*, que nada mais é esse desacordo profundo entre teses antagônicas no espaço público. Neste caso, de um lado temos Maurício, que demonstra ser contra questões de representatividade LGBTQIA+, e do outro Douglas, a favor da luta desse grupo minoritário. Entretanto, esse embate polêmico não envolve apenas as pessoas que discursam, mas também seus respectivos auditórios, que mobilizam suas opiniões em prol daquilo em que acreditam, ou são induzidas a acreditar.

Assim, mesmo parceiros de quadra por alguns anos, os atletas não procuram em nenhum momento chegar a um “acordo” sobre aquilo que foi dito, pelo contrário, motivados pelas paixões advindas dos seus auditórios, continuaram a “trocar farpas”. Com a publicação citada acima, Douglas usou sua voz para falar aos seus 2 milhões de seguidores (naquele momento), e com isso ajudou a pressionar os patrocinadores do clube – Fiat e Gerdau – a tomarem atitudes contra as falas de Maurício, resultando em seu afastamento das quadras.

Induzido pela situação e revoltado pelas consequências, Maurício volta ao seu perfil para comentar a situação, mas diz não mudar de opinião:

Figura 3: Dualidade certo x errado segundo Maurício Souza



Fonte: Recorte do perfil do Instagram de Maurício Souza

A postagem acima, também publicada do dia 15 de outubro, revida os ataques sofridos em sua conta, como também se interliga com a publicação de Douglas. Mesmo ao sofrer consequências por suas falas LGBTQfóbicas, Maurício insiste em um discurso tendencioso,

que reafirma aquilo que acredita ser o “correto”: /hoje em dia, o certo é o errado e o errado é certo – Não se depender de mim/; como os valores tradicionais e ultrapassados estão sendo mudados, esses indivíduos que se dizem ainda conservadores, veem a representatividade de um super-herói bissexual como uma tendência ao “errado”, ainda mais se tratando do lugar e imagem que o Super-man ocupa na sociedade – do homem másculo, padrão e heterossexual.

No trecho seguinte: /se tem que escolher um lado eu fico com o lado que eu acho certo! Fico com minhas crenças, valores e ideais! /, pela imagem discursiva que ele revela, é nítido que suas “crenças, valores e ideais” estão ligados ao conservadorismo e a conceitos culturalmente construídos no imaginário da sociedade, principalmente no âmbito religioso.

É válido lembrar que outra das características da polêmica pública, segundo Amossy (2017), é a desqualificação das/dos ideias/ideais de uma/um pessoa/grupo, ou seja, Maurício tenta persuadir seu auditório (phatos) com a finalidade de desacreditar e desacreditar o discurso de representatividade LGBTQIA+, como também a imagem de seu adversário, já que ele se inclui nesse grupo. Ao inferiorizar e promover discursos de ódio contra a luta dessa comunidade, tanto seu ethos homofóbico/conservador é revelado, quanto o daqueles que o apoiam. Mas, será que de fato esses traços de caráter são apenas revelados no momento em que ele posta/reage às publicações?

Se associarmos os discursos dos jogadores à noção de ethos de Aristóteles (2011), a qual diz que o que importa é a imagem que orador constrói de si no momento que inicia seu discurso e não o que pensam dele antes de iniciar, percebemos que essa abordagem acaba sendo insuficiente, uma vez que diversas mudanças ocorreram com o passar do tempo, inclusive no meio em que os discursos circulam. É o caso das redes sociais, onde somos o tempo inteiro atingidos por informações.

Percebemos, então, que a noção de ethos que melhor se enquadra ao analisar a imagem discursiva dos jogadores é a que considera tanto o ethos construído no momento da enunciação quanto o ethos prévio. Em retomada às ideias de Amossy (2013), a autora diz que o ethos prévio consiste no fato de criarmos uma imagem do orador antes mesmo de ele iniciar o seu discurso; isso quer dizer que antecedentes morais, éticos e até mesmo estereótipos ajudam o auditório a formar uma imagem prévia do orador, imagem essa que se confirma, se complementa, se modifica ou se destrói no momento da enunciação.

Tratando-se de Maurício, antes mesmo dele realizar essas publicações contrárias ao lançamento da revista, muitos outros aspectos de sua vida já eram de conhecimento do

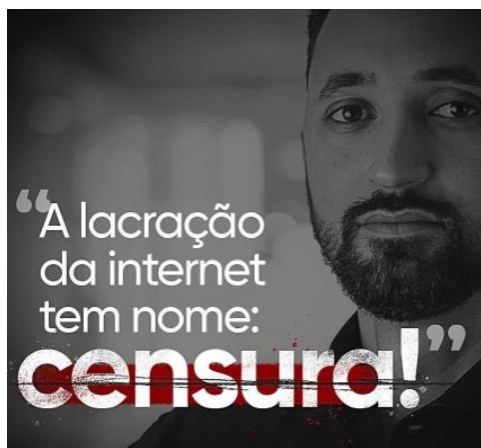
auditório, como por exemplo: vários *posts* que ridicularizam o discurso feminista, pessoas transexuais e a luta antirracista; ser a favor do armamento da população; possuir diversas publicações em apoio ao atual presidente, Jair Messias Bolsonaro (de extrema-direita), assim como fotos ao lado dos seus filhos, que também simpatizam dessas ideologias; ataques aos políticos do partido dos trabalhadores (PT); ser contra o aborto; dentre muitas outras questões. Com base nessas circunstâncias, aquela parcela do auditório que já possui esses conhecimentos prévios, reafirma suas impressões sobre suas falas, sejam elas positivas ou negativas.

O mesmo acontece com Douglas Souza, o *ethos* revelado no momento em que ele sai em defesa da causa LGBTQIA+ em suas falas contra Maurício é a confirmação da imagem já formada por aqueles que já conhecem aspectos da sua vida, pois o atleta sempre demonstrou ser engajado com a luta dessa minoria, sem contar que declarou apoio ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (de esquerda).

Esse é outro fator importante a ser considerado ao olharmos para o atual cenário político brasileiro e relacioná-lo com os *ethos* dos jogadores. De um lado Maurício, que representa as ideologias da direita, e do outro Douglas, que se posiciona a favor dos ideais de esquerda. Como sabemos, isso é uma marca da *polarização social* – traço também presente nos acontecimentos polêmicos no espaço público, isto é, os dois lados desses “polos” se dizem defensores de seus pensamentos e acreditam em sua verdade, ou seja, que o lado defendido é o correto para a sociedade.

Essa narrativa polêmica ainda adentra em outra questão adversa. Maurício recebe críticas de muitos outros atletas, apresentadores esportivos e personalidades da mídia que qualificam suas falas como “criminosas”. Em sua defesa, busca comover o seu auditório específico sob o argumento de que está sendo “censurado” pela patrulha da internet: /A lacração da internet tem nome: censura! /. Há aqui mais uma tentativa de desqualificação da imagem discursiva daqueles que não concordam com seus pontos de vista; ele se coloca no lugar social de “vítima” por defender o “bem”, enquanto os outros estão do lado do “mal” por “tentarem calar sua voz”.

Figura 4: Maurício Souza diz sofrer censura na internet



Fonte: Recorte do perfil do Instagram de Maurício Souza

Em nenhum momento sua liberdade de expressão foi questionada. O jogador teve o comportamento típico de uma pessoa preconceituosa, que não quer aceitar que o mundo mudou, isto é, que as relações homoafetivas são mais aceitas agora como uma realidade natural e foram apenas retratadas na revista em quadrinhos. Logo, esse tipo de preconceito que antes era dominante, hoje é condenado por leis que regem nossa sociedade.

Finalmente, é possível perceber que diferentes ethos foram mostrados nos discursos dos jogadores, o deles enquanto oradores e o daqueles de quem eles falam. Essas diferentes imagens discursivas funcionam como meios de persuasão, visto que modelam a comunicação social e estabelecem funções sociais. Nesse sentido, fica claro que o ethos constituído por Maurício é de fato homofóbico e conservador, já que pode levar à generalização e à perpetuação de valores tracionais que alimentam o ódio contra a comunidade LGBTQIA+; uma prova disso, são os milhares de comentários com teor negativo contra o conteúdo da HQ e ataques direto ao perfil pessoal do Douglas Souza, que revela um ethos contrário ao do ex-parceiro de quadra.

3.2 ANÁLISE DAS PAIXÕES

Exposto que as paixões são os sentimentos/reações provocados (as) pelo orador no auditório, buscaremos nesta seção realizar uma breve análise de comentários extraídos das publicações que foram frutos da análise acima. A intenção é observar quais os tipos de emoções concebidas a partir da imagem que os oradores constroem em suas postagens, visto que podem alterar a ótica daqueles que observam.

Como já sabemos, o universo digital abre margem para diferentes categorias de público, então, como não há a possibilidade de analisar todos os comentários, foram selecionados aqueles que mais se repetiam ou que possuíam os mesmos traços passionais.

Seguindo a ordem da análise anterior, temos os comentários da “figura 1” referente à publicação de Maurício Souza:

Comentário 1: Sofremos preconceito por sermos heterossexuais, esses demônios querem fazer com que achemos tudo normal. Jamais será normal algo que foge da criação de Deus. Ficam com vitimismo, nossas leis a cada dia defendem o errado...vê se existe passeata heterossexual, agora os exibidos, “coitadinhos” tem dia mundial, passeatas, eles podem ser preconceituosos e fazer o que bem entender, pois perante o lixo que é a Lei Brasileira, são vítimas, igual um menor de idade, rouba, mata, se for preso dps dos 18 anos fica limpa sua ficha...coitadinhos das vítimas da sociedade...nem o inferno quer eles.

Comentário 2: Isso aí, Maurício. Este post com teu comentário um dia vai ser um NFT valioso pois representa à objeção a ditadura da propaganda homossexual. Vamos vencer essa burrice social!! Os valores da família e a inocência das crianças devem ser preservadas e qualquer tipo de propaganda homossexual ou alienação é crime e esses subversivos da homossexualidade política vão ser condenadas em breve.

Os dois comentários acima revelam um ethos homofóbico daqueles que os escreveram, como também reforçam essa imagem preconceituosa já revelada por Maurício. Assim, na tipologia criada por Aristóteles (2011), percebemos sentimentos de *ódio* com relação à imagem da comunidade LGBTQIA+; o ódio, segundo Aristóteles (2000), também está relacionado à desconsideração de certos grupos e classes, não apenas ao particular. Em vista disso, em trechos como: “esses demônios”, “nem o inferno quer eles” e “Vamos vencer essa burrice social!!”, fica nítida a marca desse sentimento. Além disso, existem traços do *desprezo*, que pode ser definido como um sentimento de repulsa: “qualquer tipo de propaganda homossexual ou alienação é crime” e “Ficam com vitimismo, nossas leis a cada dia defendem o errado”; ou seja, esses indivíduos não aceitam que esse grupo minoritário sofra rejeição da sociedade e, por isso, desprezam a existência deles, ao ponto que acreditam que essas pessoas são criminosas e inferiores.

Um parêntese com relação a esses comentários, é que eles facilmente se enquadram no que, na polêmica pública, Amossy (2017) chama de *diabolização*, isto é, ocorre a desqualificação que se dá pelo ethos e chega-se à demonização de pessoas/grupos; assim, nos trechos: /esses demônios querem fazer com que achemos tudo normal/, /Jamais será normal algo que foge da criação de Deus/, /nem o inferno quer eles/, /esses subversivos da

homossexualidade política vão ser condenadas em breve/; há essa marca da polêmica, já que associam a imagem desse grupo ao “mal absoluto” ou aquilo que é diabólico.

Já sobre a “figura 2”, relativa a uma postagem de Douglas Souza, foram selecionados os seguintes comentários:

Comentário 3: bando de gente sem noção, você é mais um ladrador, acabou com a carreira de uma pessoa, que só tem pensamento oposto ao seu. Porém quem não sabe conviver com diferenças são vocês esquerdotas, vocês precisam evoluir.

Comentário 4: Só falou isso pra não te cancelar e tirar o seu emprego igual fizeram com o @mauriciosouza17.

Comentário 5: Mesmo assim estou fechado com o Maurício, ele só deu sua opinião e personagens ligados com crianças deveriam ficar fora dessa ideologia de gênero.

Nessa postagem, temos a predominância de comentários que reprimem seu posicionamento em defesa da HQ, e buscam defender o direito de “liberdade de expressão” cobrado por Maurício. Esse impulso do auditório em defendê-lo é marcado por um sentimento de *indignação* para com a atitude de Douglas, visto que ele é colocado como responsável pelas consequências sofridas ao ex-parceiro de quadra, como podemos ver em: /acabou com a carreira de uma pessoa/, /Só falou isso pra não te cancelar e tirar o seu emprego igual fizeram com o @mauriciosouza17/.

No entanto, ao olharmos por outra ótica, vemos um auditório que sente *compaixão* por Maurício ter perdido seu emprego e ter sido “silenciado”. Um exemplo disso é: /estou fechado com o Maurício, ele só deu sua opinião. /

Na “figura 3”, na qual Maurício fala sobre “escolher um lado certo”, podemos destacar comentários como:

Comentário 6: Amigo o bem sempre vencerá estamos contigo não desanime.

Comentário 7: @MauricioSouza17 vc tem meu apoio e admiração.

Comentário 8: Parabéns Mauricio, vc é um atleta fora de série, vamos juntos acabar com a lacração desses que se acham donos da verdade!! Viva o pensamento conservador!!! Viva a liberdade de expressão!! Viva a verdadeira democracia!!

Estes em sua maioria, revelam reações com tons de *confiança*, *amor* e *calma* quando direcionados à figura de Maurício, como podemos ver nos comentários 6 e 7 ao atribuírem expressões como: /estamos contigo não desanime/ e /vc tem meu apoio e admiração/. Entretanto, no comentário 8, além de parabenizar o jogador e qualificá-lo como uma “atleta

fora de série”, há um sentimento de *cólera* para com aqueles que discordam: / vamos juntos acabar com a lacração desses que se acham donos da verdade!//.

Por último, retirados da publicação que traz a “figura 4”, também referente a uma postagem de Maurício, seguem os seguintes comentários.

Comentário 9: Deixa eu pensar: Querer que um quadrinho seja CENSURADO apenas por conter personagens LGBTQs, marginalizando esse grupo de pessoas e sendo uma atitude de preconceito, como querer proibir Mulheres, Negros, Asiáticos e etc em uma obra de ficção, no trabalho, nas ruas ... não é uma forma de censura ou eu estou equivocado?

Comentário 10: Seu animal do caralho, preconceito não é opinião, pessoas morrem por causa do que vc disse e insiste em dizer q é censura! Sinto ódio, mas sinto triste, vamos calar todo homofóbico SIM!

Ao falar que a “lacreção da internet” tenta estabelecer um movimento de “censura”, o ex-jogador do Minas recebe críticas daqueles que apoiam a publicação da revista. No comentário 9, por exemplo, a pessoa que digitou, questiona a acusação de censura de Maurício, o que pode ser entendido também como um sentimento de *indignação*. Já o comentário 10, além da *indignação*, temos uma demonstração de *ódio* contra a imagem de Maurício, nítida em trechos como: / Seu animal do caralho/, / Sinto ódio, mas sinto triste/, concretizada em um argumento *ad hominem* ou *ad personam*.

Diante da análise dos comentários, evidenciamos que as postagens realizadas pelos jogadores abrem margens para ataques depreciativos na internet. Apesar de existir um número deles que apresentem um teor passional positivo, como a presença da *compaixão*, do *amor* e *indignação* (em casos específicos), a maior parte das paixões reveladas nos comentários analisados reforçam um discurso de ódio contra aqueles com os quais os diferentes auditórios interagem. Maurício recebe reações negativas pelo seu posicionamento homofóbico, mas Douglas, junto à comunidade LGBTQIA+, recebe sentimentos carregados de ódio, desprezo e indignação.

Por essa nossa análise, é possível observar como as redes sociais têm se mostrado um lugar privilegiado para a polêmica e para o dissenso, muitas vezes, mais do que um lugar para o acordo. Independente da presença deste, no entanto, podemos afirmar que elas constituem um lugar profícuo para a argumentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todo material utilizado como base teórica e analisado, pudemos perceber que através da retórica e dos estudos da argumentação contemporânea é possível compreender melhor os diferentes discursos e imagens discursivas que emergem no meio polêmico midiático, podendo notar que, se um determinado indivíduo/grupo carrega um *ethos* preconceituoso e discriminatório, é porque tanto o orador quanto uma parte da sociedade ainda compactuam dessas ideologias, visto que, independentemente de serem textos literários ou não, acabam por carregar diferentes imagens discursivas que não estão ali à toa, pois refletem como essa sociedade pensa e age.

Na análise das postagens, verificamos um discurso polêmico em que diferentes traços de caráter foram revelados, ou foram reforçados. O *ethos* homofóbico/conservador nos discursos da internet parece ganhar força com os posicionamentos de Maurício Souza, visto que contribuem para que manifestações discursivas como essas se perpetuem na memória coletiva da sociedade e atinjam grupos minoritários marginalizados.

Além disso, com a análise dos comentários, verificamos reações em que diferentes grupos apresentaram seu posicionamento fundamentados em valores distintos, mas que reforçaram o *ethos* daqueles com os quais se identificam. Por se tratarem de oradores/auditórios discordantes, os valores e ideais presumidos pelos jogadores não alcançaram a adesão de todo o público que os segue.

Assim, com relação à polêmica da HQ, percebemos que a representatividade LGBTQIA+ ainda sofre aversão de uma parcela da população conservadora e ligada aos valores tradicionais, no entanto, recebe um forte apoio daqueles que apoiam e se identificam com a luta de minorias sociais. É válido lembrar que a “galera” das redes é o público consumidor, ou seja, muitas marcas e patrocinadores não querem seus nomes associados a um atleta preconceituoso ou que seja alvo de polêmicas, por isso, é fundamental cobrarmos um posicionamento delas/deles para que crimes virtuais não continuem se propagando. Esse é o poder que temos enquanto consumidores, de construir um mundo o qual desejamos.

Finamente, cabe destacar que a polêmica pública não se reduz apenas ao estudo de textos fugazes e rapidamente desatualizados. A polêmica se mostra, ao contrário, rica de ensinamentos, na medida em que ela revela muita coisa sobre a sociedade e a época na qual o discurso polêmico circula nos espaços digitais.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Apologia da Polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 8-228.

AMOSSY, Ruth. Introdução. In: AMOSSY, Ruth. (org.) **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2013a, p. 9-28.

_____. O ethos na interpretação das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth. (orgs.) **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2013b, p. 75-77.

ARISTÓTELES (384-322 a.C.). **Retórica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Prefácio de Michel Meyer. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 3,5.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão**: os princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010, p.12-167.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. **A retórica das paixões revisitada**. In: MANFRIM, A. P.; LUDOVICE, C. B. A.; FIGUEIREDO, M. F. O texto: corpo, voz e linguagem. Franca: Unifran, 2018. (Coleção Mestrado, 13). p. 7-10. Disponível em: <http://mariaflaviafigueiredo.com.br/downloads/A%20Ret%C3%B3rica%20das%20paix%C3%B5es%20revisitada.pdf>. Acesso em: 28 de abril de 2022.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 9.

GRÁCIO, Rui Alexandre. **Resenha De Apologie De La Polémique, De Ruth Amossy**. In: EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, 2014. Ilhéus, n. 7, p. 300. Disponível em: https://www.ruigracio.com/pessoal/pdf/eid&a_n7_19_rui.pdf. Acesso em: 28 de abril de 2022.

MEYER, Michel. **Aristóteles ou a retórica das paixões**. (Prefácio). In: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XL-XLI.

MOSCA, Lineide do L. S. Velhas e Novas Retóricas: convergências e desdobramentos. In: MOSCA, L. do L. S. **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 21-22.

OLIVEIRA, Rafael Lima de; CAVALCANTE, Mônica Magalhães; SILVEIRA, Geana Barbosa da. **O apelo ao pathos em textos e a modalidade argumentativa patêmica**. In: *Revistas Investigações*, 2020. Recife, v. 33, Nº especial, Texto: gêneros, interação e argumentação - III Workshop de Linguística Textual, p. 8. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/244461>. Acesso em: 28 de abril de 2022.

PERELMAN, Chaïm; TYTECA, Lucie. Olbreschts. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 4.

REBOUL, Oliver. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 9-25.